



### Pensamento canibal

Foi um encontro de titãs, e o mediador, Manoel da Costa Pinto, ele também um dos grandes especialistas em Oswald de Andrade, houve por bem recolher-se a um segundo plano. No palco da Tenda dos Autores, os críticos literários João Cezar de Castro Rocha, 46, e Eduardo Sterzi, 38, tinham a missão de formular respostas para algumas das questões centrais da análise contemporânea do movimento antropófago. Embora não pertençam a gerações distantes entre si, Sterzi e Rocha representam dois momentos diversos da análise literária no Brasil: nos anos 90, quando Rocha construía seu próprio arcabouço teórico, o Brasil se empenhava em reencontrar o caminho da modernidade e fazia a crítica de seu legado cultural. Na alvorada do século XXI, quando Sterzi se tornou um autor e ensaísta, o Brasil se integrava ao processo de globalização sem ter ainda exorcizado muitos de seus fantasmas.

Por essa razão, Eduardo Sterzi tratou de demarcar seu posto de observação: assim como Antonio Candido, na conferência de abertura da Flip, se limitou a dizer aquilo que só ele poderia falar a respeito de Oswald de Andrade, Sterzi se restringiria ao seu olhar pessoal. “Quando comecei a ler Oswald, na década de 90, não o fiz em um contexto político. Então, ele já me pareceu um clássico”, comentou. Para ele, ser o último a se apresentar em um evento iniciado por Candido, tendo como antecessor imediato João Cezar de Castro Rocha era um fardo pesado demais, conforme admitiu.

Castro Rocha encarou o desafio de redefinir o legado da antropofagia, que permaneceu muitas vezes encoberto no Brasil, segundo lembrou o mediador, enquanto desperta crescente interesse fora do contexto nacional. Em tom de manifesto, quase incorporando Oswald, ele explicitou a escolha dos organizadores para a Mesa 15, a primeira do último dia da Flip: a antropofagia define o Brasil ou uma sensibilidade mais geral – sendo uma operação de caráter antropológico, portando universal? “A antropofagia pode vir a ser a imaginação teórica da alteridade?”, provocou, citando o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, para quem “a antropofagia é uma arma de combate contra a sujeição cultural da América Latina”.

O ensaísta acrescentou em seguida o tempero da contradição entre a suposta universalidade e certa localidade, autoria e temporalidade da proposta antropofágica: “Ilo entanto, há um paradoxo – o Manifesto Antropófago foi produzido por um brasileiro, em 1928, em uma determinada cidade brasileira”. Observando que não se questiona a universalidade de *Madame Bovary*, de Flaubert, ou *Fausto*, de Goethe, ressaltou que ninguém precisa despir essas duas obras da circunstância de suas origens, de haverem nascido em culturas predominantes, ao considerá-las universais. “Por que, então, Machado de Assis precisa ser despido da brasilidade para ser considerado universal?”, perguntou, arrebatando a platéia.

“O problema é nosso, porque ainda não superamos nosso complexo de inferioridade cultural e colonial”, acrescentou, instigando um sentimento muito popular por aqui. Nada menos antropofágico, mas funcionou como metáfora do tema proposto: mais do que canibalizar a produção cultural alheia, vivemos em processo de autofagia, a julgar pela reação ululante do público à elaboração elíptica apresentada por Rocha. Brasileiro adora dizer que brasileiros têm complexo de inferioridade. Os outros brasileiros, claro. Oswald detestaria esse conceito de alteridade.

Funcionou como convocatória, apesar de não ter resolvido a questão central. O próprio Oswald oscilava entre os dois mundos, observou o ensaísta, lembrando que no Manifesto da Poesia Pau-Brasil, publicado dois anos após a Semana de Arte Moderna, ele declarava que “o trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional”. Para Rocha, metáfora clara da necessidade de que precisamos nos atualizar, ou seja, o olhar se volta comparativamente para o modelo externo. Avançasse mais um pouco no texto do mesmo manifesto, e teria ofertado à platéia a tese de que o movimento futurista era vista por Oswald também como parte da construção da modernidade global, como “primeira construção brasileira no movimento de reconstrução geral”.

Eduardo Sterzi começou externando seus temores diante da densidade de idéias que o antecederam, a começar por Antonio Cândido. Lembrou que Oswald de Andrade é lido quase que exclusivamente no período do modernismo, mas continuou criando até morrer, em 1954, e seguiu influenciando gerações futuras, como os autores do tropicalismo. Confiná-lo em um período significa limitá-lo a uma expressão estável, ignorando o movimento que sempre provocou em torno de si, observou, lembrando que Oswald sempre se interpôs entre o presente e o futuro e não foi apenas um escritor. “Ele fica a meio caminho entre a literatura e a filosofia”, acrescentou.

Ao empurrar Oswald para além e adiante do movimento futurista dos anos 20, Sterzi oferece uma ampliação do seu retrato, desvelando ao público um criador inquieto e fiel à proposta da metamorfose constante. “Essa noção de antropofagia não se reduz ao Manifesto – vai até a sua tese *“A crise da filosofia messiânica”* (que apresentou no concurso da cadeira de Filosofia da USP nos anos 50). O conjunto das idéias em torno da antropofagia, reforçou Sterzi, constitui a única filosofia original brasileira, feita de tiradas memoráveis como esta: “Na nossa era de devoração universal, a problemática não é ontológica, é odontológica”.

Houve ainda espaço para um diálogo entre os ensaístas sobre o Oswald político, como intérprete de uma idéia de canibalismo que se consolidava na Europa após a primeira guerra mundial, exemplo de carnificina que faria corar alguns povos chamados primitivos. Ele digeriu e devolve esse sentimento na tese da antropofagia. A antropofagia, em si, não é, portanto, original. O que dá originalidade a Oswald é o fato de que ele deu um sentido político ao conceito. E o encontro se encerrou com o ultimato de João Cezar de Castro Rocha para que o legado de Oswald seja recuperado e levado adiante no encontro do Brasil com a modernidade.

Compartilhe

